(RE)PENSANDO O ENSINO DE ORTOGRAFIA - UMA PROPOSTA COM BASE NAS TEORIAS FONÉTICAS E FONOLÓGICAS

OLIVEIRA, Belisa Neri¹; NUNES, Gisele da Paz².

Palavras-chave: Ensino-Ortografia-Fonética-Fonologia.

1. JUSTIFICATIVA/BASE TEÓRICA

O processo de alfabetização ou letramento (no seu *continuum* até a 4ª série) tem sido duramente criticado e posto à prova em todos os sentidos, desde o conhecimento individual de cada professor alfabetizador, passando pelo método ou metodologia de ensino e pela cartilha ou livro de alfabetização adotado até o próprio *currículo* vigente nas escolas. Não é novidade, portanto, falar em problemas na alfabetização ou processo de letramento. No entanto, mesmo após profundas discussões que apontam caminhos diversos, o problema do ensino de língua materna / aquisição da escrita ainda persiste na grande maioria das escolas públicas e privadas e ainda temos muito o que discutir a respeito desse assunto. As reflexões propostas neste projeto deverão permitir estabelecer parâmetros mais complexos em relação à aquisição da escrita, especialmente no que diz respeito à aquisição da ortografia. Cagliari (1989, p. 76) diz que “o ensino do português tem sido fortemente dirigido para a escrita, chegando mesmo a se preocupar mais com a aparência da escrita do que com o que ela realmente faz e representa”. Não pretendemos que professores de língua portuguesa dêem ênfase excessiva à caligrafia e à ortografia (e aos erros desta cometidos pelas crianças), achando que a criança não sabe escrever direito porque comete alguns erros ortográficos, mas também não acreditamos na prática de não corrigir nada e dizer que a ortografia não importa no âmbito textual.

Desse modo, nossa proposta pretende levar a fazer reflexões como nos mostra Nunes (2006, p. 76), ao enfatizar que “a criança mostra-se com uma grande capacidade de pensar e relacionar fatos da fala dizendo, por exemplo, ‘eu fazi’ porque relaciona esse verbo com outros de seu conhecimento”, já que para os verbos *correr*, *comer* e *ler* a forma do passado é *corri*, *comi* e *li*, respectivamente, mas a escola não aproveita esse raciocínio lógico para levar a criança a tecer hipóteses válidas para a aprendizagem da escrita e até mesmo da ortografia. Se a linguagem oral é aprendida naturalmente e, assim, a criança tem a oportunidade e liberdade de formular hipóteses na busca dos caminhos permitidos pelo modelo da fala, também na escrita, ele deveria ter a mesma chance de percorrer caminho similar, aprendendo por si mesma, através do erro e acerto, as regras que são válidas para a escrita. Em relação ainda aos erros de ortografia, Massini-Cagliari e Cagliari (1999, 121) afirmam que em vez de ver os erros ortográficos como um grande problema de escrita que a criança tem, “uma outra maneira de ‘ver’ tais ‘erros’ é considerá-los não uma mera transcrição da fala, mas o resultado de uma reflexão produtiva (e construtiva) a respeito de fatos do próprio sistema de escrita com o qual se está começando a lidar.” É preciso não esquecer que, já nas séries iniciais, os alunos percebem que a escrita tem relação com a fala, mas observam que nem tudo é igual. Fávero, Andrade e Aquino (1999: 69, *apud* Massini-Cagliari 2001, p. 30) “mostram que a fala e a escrita diferem em muitas dimensões: nos seus modos de *aquisição*; nas suas *condições de produção, transmissão e recepção*; nos meios pelos quais os *elementos de estrutura* são organizados”. Na verdade há um “canyon” entre uma e outra. Quando o aluno atinge a hipótese alfabética, ele já é capaz de escrever, estabelecendo correspondência entre o falado e o escrito, mas isso não significa que já esteja escrevendo ortograficamente, estando, portanto, sujeitos a variados erros. Para muitos estudiosos do conhecimento, os erros são “tateios cognitivos” que a criança percorre na busca de relações entre o que já domina (oral) e o que está aprendendo (escrita). Precisamos perceber que o aluno não necessita de conhecimento científico para utilizar bem a sua língua. Ele fala, comunica-se, expressa-se claramente na língua oral e na escrita cria-se tal confusão que o aluno sofre um bloqueio a ponto de não conseguir se organizar em palavras. O diferencial desta proposta centra-se no fato de a ortografia da língua ter um trato fonético e fonológico para correções de erros

ortográficos, considerando-se que nossa escrita é alfabético-ortográfica e não somente alfabética ou silábica, como querem algumas cartilhas, quando da aquisição da escrita.

2. OBJETIVOS

* Pesquisar e identificar os erros cometidos pelos alunos de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental;

* Pesquisar soluções para correções desses erros com base nas propostas mais recentes da aquisição da fonologia e da escrita, utilizando, para tal, Teoria da Otimalidade e/ou outros modelos teóricos.

* Elaborar material didático (exercícios, jogos...) para sanar tais erros.

3. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste projeto, buscaremos fundamentação nas teorias fonético-fonológicas em seus estudos mais recentes, como a Teoria da Otimalidade, buscando respostas ou indicadores para solucionar problemas de erros ortográficos, visto que esse é um dos grandes problemas que o Ensino Fundamental enfrenta.

A pesquisa será qualitativa e quantitativa e, para tal, selecionamos duas escolas públicas de Ensino Fundamental (1ª a 4ª séries), na cidade de Catalão-GO, nas quais o trabalho será desenvolvido. Para a coleta de dados, utilizaremos textos produzidos pelos alunos e entrevistas com os professores das séries em questão.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Os textos coletados, primeiramente, serão classificados por faixa etária. Depois, os erros cometidos serão agrupados em uma tabela desenvolvida de acordo com a análise dos “erros” ortográficos listados por Cagliari (1989, p. 137 – 145) e Cagliari (1999), a saber: transcrição fonética, uso indevido de letras, hipercorreção, modificação da estrutura segmental das palavras, junção intervocabular e segmentação, forma morfológica diferente, forma estranha de traçar as letras, uso indevido de letras maiúsculas e minúsculas, acentos gráficos, sinais de pontuação e problemas sintáticos. Essa lista de “erros” ortográficos, por sua vez, foi dividida em erros de base fonética, fonológica e ortográfica. Para essa divisão, é necessária a definição de fonética, fonologia e ortografia.

Segundo Dubois *et al* (1993, p. 282), “a fonética estuda os sons da língua em sua realização concreta, independente de sua função lingüística. ‘O que caracteriza particularmente a fonética é estar de todo excluída qualquer relação entre o complexo fônico estudado e sua significação lingüística (N. Trubetzkoy)”. Para esse mesmo autor,

fonologia é a ciência que estuda o sons da língua do ponto de vista de sua função no sistema de comunicação lingüística. Ela estuda os elementos fônicos que distinguem, numa mesma língua, duas mensagens de sentido diferente (...) e aqueles que permitem reconhecer uma mensagem igual através de realizações individuais diferentes. (p. 284 – 285)

No entanto, como nosso foco é a ortografia, precisamos também de uma definição científica desse termo. Para Dubois *et al* (1993, p. 445 – 446), “o conceito de ortografia implica o reconhecimento de uma norma escrita com relação à qual se julga a adequação das formas que realizam os indivíduos eu escrevem uma língua; a ortografia supõe que se distinguem formas corretas e formas incorretas numa língua escrita”.

De acordo com essas definições e utilizando os exemplos de erros presentes em Cagliari (1989, p. 137 - 145), a tabela desenvolvida foi a seguinte:

Tabela 1 – Erros na aquisição da escrita segundo Cagliari (1989)

Erros na aquisição da escrita

1 – Erros Fonéticos

2 – Erros Fonológicos

Transcrição fonética	Juntura e segmentação	Forma morfológica diferen	* Modificação da estrutura segmental
<i>É o erro mais comum, visto que, nesses casos, o aluno escreve como ele mesmo fala; faz uma transcrição fonética de sua própria fala.</i>	<i>Na fala não existe separação de palavras, então, na escrita, a criança junta (ou segmenta) indevidamente algumas palavras.</i>	<i>Nesse caso, a criança transcreve foneticamente a variedade dialetal que fala.</i>	<i>Não reflete transcrição fonética nem se relaciona com a fala. O aluno, por não ter um domínio completo, tenta se aproximar da letra correta.</i> <i>* pode ser também um erro ortográfico</i>
<i>dici (disse)</i>	<i>eucazeicoéla (“eu casei com ela”)</i>	<i>adepois (depois)</i>	<i>voi (foi)</i>
<i>qui (que)</i>	<i>jalicotei (“já lhe contei”)</i>	<i>ni um (nenhum)</i>	<i>bida (vida)</i>
<i>tristi (triste)</i>	<i>mimatou (“me matou”)</i>	<i>pacia (passear)</i>	<i>save (sabe)</i>
<i>tudu (tudo)</i>	<i>a gora (agora)</i>	<i>ta (está)</i>	<i>anigo (amigo)</i>
<i>curraiva (com raiva)</i>	<i>a fundou (afundou)</i>		<i>macao (macaco)</i>
<i>rapais (rapaz)</i>			<i>sosato (susto)</i>

3 – Erros Ortográficos

Uso indevido de letras	Hipercorreção	Modificação da estrutura segmental *	Forma estranha de traçar as letras	Uso indevido de maiúsculas	Acento gráfico	Pontuação
<i>Como na língua portuguesa um mesmo fonema pode ser representado por mais de uma letra, a criança que comete esse erro escolhe a letra errada para representar o som ortograficamente.</i>	<i>O aluno tem consciência de que algumas palavras se escrevem de um jeito diferente que se fala, e generaliza esta forma de escrever</i>	<i>Não reflete transcrição fonética nem se relaciona com a fala. O aluno, por não ter um domínio completo, tenta se aproximar da letra correta.</i> <i>*pode ser também um erro fonológico</i>	<i>A letra cursiva é difícil de ser desenhada, logo, alguns traçados da letra infantil podem ser interpretados erroneamente.</i>	<i>Após aprenderem que nomes próprios se escrevem com iniciais maiúsculas, empregam também inicial maiúscula em pronomes pessoais.</i>	<i>Alguns alunos acostumam-se a ver palavras comuns acentuadas e erram por causa da semelhança</i>	<i>Não são ensinados no início da aprendizagem, mas às vezes estendem ensinamentos de outras atividades para seus textos.</i>
<i>susego (sossego)</i>	<i>dece (disse)</i>	<i>voi (foi)</i>	<i>save (para “sabe”)</i>	<i>Eu (sem ser em início de frase)</i>	<i>vó (vou)</i>	<i>Era. uma. vez.</i>
<i>dici (disse)</i>	<i>jogol (jogou)</i>	<i>bida (vida)</i>			<i>voce (você)</i>	<i>Era-uma-vez</i>
<i>caro (carro)</i>	<i>consequio (consequiu)</i>	<i>save (sabe)</i>			<i>nao (não)</i>	

<i>licho</i> (lixo)	<i>sootou</i> (soltou)	<i>anigo</i> (amigo)			<i>leao</i> (leão)	
<i>comeco</i> (começo)	<i>almadilia</i> (armadilha)	<i>macao</i> (macaco)				
<i>cei</i> (sei)		<i>sosato</i> (susto)				
<i>felis</i> (feliz)						
<i>xata</i> (chata)						
<i>Coando</i> (quando)						
<i>em</i> (em)						

Obs.: Uma tabela semelhante, porém feita com os erros cometidos nos textos coletados das escolas públicas de Catalão, será feita nas próximas semanas de setembro.

5. CONCLUSÕES

Os “erros” ortográficos cometidos não são previsíveis nem unívocos, mas também não são aleatórios. Essa tabela foi desenvolvida com o objetivo de mostrar ao alfabetizador o motivo do “erro” do seu aluno e, principalmente, formas eficientes de corrigi-los, baseados em princípios fonéticos.

É comum a existência de alfabetizadores ou professores de português que pouco sabem sobre a natureza da escrita, seu funcionamento e como deve ser usada em diferentes situações. O mais apropriado seria, portanto, o alfabetizador servir mais como um “orientador” ao invés de um “corretor”, guiando a criança quanto à forma do que ela deseja escrever.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu**. São Paulo: Scipione, 1999.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Lingüística**. São Paulo: Scipione, 1989.

DUBOIS, Jean *et al.* **Dicionário de Lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1993.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis **O texto na alfabetização: coesão e coerência**. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2001.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis e Cagliari, Luiz Carlos. **Diante das letras: a escrita na alfabetização**. São Paulo: Mercado de Letras / FAPESP, 1999.

NUNES, Gisele da Paz. **O aproveitamento da ordem de aquisição das sílabas nas cartilhas adotadas no município de Catalão-GO**. Tese de doutorado – UNESP, Araraquara, 2006.

FONTE DE FINANCIAMENTO – PROLICEN/UFG

¹ Bolsista de iniciação científica do PROLICEN. Curso de Letras UFG/CAC. belisa.oliveira@yahoo.com.br

² Orientadora. Curso de Letras UFG/CAC. gisanunes@ibest.com.br